



Editorial v. 9 n. 18 jul./dez. 2024

*Laís Oliveira Rios**

Convidamos os pesquisadores e pesquisadoras para a leitura de mais um número da Revista Primordium que apresenta textos de filosofia em geral, mas é composta em grande medida por trabalhos na área de estudos clássicos. Em seu v. 9, n. 18, jul./dez. de 2019, a Revista apresenta as seguintes contribuições.

Em A apropriação Nazista de Platão, José Roberto Nogueira de Sousa Carvalho visa demonstrar como se deu a apropriação dos conceitos e argumentos filosóficos de Platão por parte daqueles que eram favoráveis ao Partido Nacional-Socialista. O autor afirma que tal apropriação se dá de forma que revela não somente a relação dos nazistas com a filosofia de Platão, mas também com a Filosofia como um campo do saber. Ao longo da pesquisa se revelará o contexto cultural de tal interpretação política do filósofo grego e o ambiente intelectual que a tornou possível. Em oposição à interpretação feita pelos favoráveis ao Partido Nacional-Socialista, o autor reafirma a importância de uma tradição alemã que perpassa grupos/movimentos como o Terceiro Humanismo e o Círculo de George para que Platão se torne “apropriável” pelos nazistas.

Em Revisitando a causalidade: Foucault, poder e práticas discursivas, Bárbara Leandra Porto se propõe a responder questões que investigam como a abordagem genealógica de Foucault redefine a causalidade na modernidade? Como as estruturas de poder influenciam a produção de conhecimento e verdade? Quais são as implicações dessas ideias para a compreensão das dinâmicas de poder e causalidade na sociedade contemporânea? Para tal, a autora apresenta estudo inserido na filosofia contemporânea que analisa a concepção de causalidade em Michel

* Editora Executiva da revista Primordium. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: laisoliveirarios@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8417493010360257>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1473-473X>.

Foucault, com ênfase em sua abordagem genealógica. Propõe-se então que a causalidade é difusa, entrelaçada com estruturas de poder e práticas discursivas, moldando o sujeito moderno através de instituições como escolas, prisões e hospitais. Ainda, a autora aponta o diálogo de Foucault com David Hume, que vê a causalidade como uma inferência baseada na repetição de eventos, o estudo examina como Foucault critica essa visão, apresentando a causalidade como uma construção social e histórica.

Em *Estátuas Filosóficas: a noção de escultura no início do Livro II da República de Platão*, a autora Lethícia Ouro Almeida Marques Oliveira realiza uma investigação acerca das artes em Platão com foco em especial na arte escultórica. Parece, assim, haver uma oposição entre arte e filosofia, esta mais próxima do real. Todavia, ao se lançar luz sobre outras partes da obra, nos deparamos com uma abordagem diferente. No início do Livro II da República, por exemplo, a arte escultórica é usada para ilustrar procedimentos filosóficos: Gláucon expõe os homens justo e injusto como se estivesse a polir estátuas; os personagens moldam a cidade ideal. Há um procedimento mimético na filosofia, e esta tem um aspecto plástico. Ao longo do seu artigo, Lethícia faz paralelo entre a filosofia e a arte escultórica partindo do ponto que ambas são usadas para falar da expressão do real.

Em *Problemas Relacionados à Definição e o Significado no Argumento Elêntico de Aristóteles*, Pedro Lemgruber analisa as implicações epistemológicas, metafísicas e ontológicas da descrição aristotélica da significação. Para tal, o autor utilizará a *Metafísica* Gamma 4, onde Aristóteles argumenta contra supostos negadores do Princípio da Não-Contradição. Além disso, serão examinadas a descrição do significado linguístico encontrada em *De Interpretatione*, bem como as discussões sobre definições de nomes de entidades fictícias desenvolvidas nos *Segundos Analíticos*. Concluiremos que as noções de definição e significado são centrais para o argumento elêntico, de tal modo que a força do argumento depende, em última instância, de aspectos da concepção aristotélica do processo de significação.

Em *A linguagem como forma expressiva da experiência gnosiológica humana no pensamento de Giambattista Vico*, Eduardo Leite Neto tem como intuito tratar da argumentação e descrição do ideário linguístico proposto pelo filósofo moderno Giambattista Vico. Para isso, o autor divide o texto em três partes. Primeiro, parte dos pressupostos da antropogênese de Vico, seus conceitos, características e elementos. Em seguida, descreve sua investigação filológica, ressaltando seu trabalho com a poesia, mitologia e história dentro de sua decodificação dos símbolos e significados. Por fim, conclui o trabalho com a descrição das três estruturas semióticas encontradas na filosofia da linguagem de Vico e sua relação com as onomatopeias dos primeiros povos da gentilidade.

Em *Estética, cognição e música: a mimesis como operação da potência cogitativa*, o autor João Lázaro Ribeiro Caixeta examina a teoria aristotélica da “mimesis” e sua aplicação na filosofia de Tomás, explorando como a música assume um papel de utilidade ao despertar o afeto do coração humano e conduzi-lo a um estado de devoção espiritual. Esta análise é realizada a partir de obras específicas como a *Suma de teologia*, II-II q. 91 a. 1-2 e I-II q. 32 a. 8, entre outras, relacionando o efeito da música com as operações da alma e seus impactos no intelecto e nos sentidos. Dessa maneira, o prazer estético, em Tomás de Aquino, não é meramente sensível, mas resulta da interação entre os sentidos, a cogitativa e a razão universal. A cogitativa, nesse contexto, desempenha um papel central ao organizar e julgar representações, mediando a experiência estética. Por fim, o autor conclui que a operação da alma responsável pela experiência estética subjetiva é a vis cogitativa, integrando a experiência sensível à racionalidade.

Por fim, em *A condição feminina e casamento como abordagem filosófica presente no conto “É a alma, não é?”* de Marina Colasanti, as autoras Islane Viana de Souza e Aline Franciele Silva Santos partem do pressuposto que filosofia pode ser uma atividade realizada por pessoas que vão além da ideia de filósofo enquanto homens europeus que expõe suas teses através de ensaios complexos e eruditos. Para isso, as autoras decidem mostrar, a partir da literatura, a filosofia presente na literatura de Marina

Colasanti. Essa filosofia pode ser compreendida em diversos textos, em particular, no conto “É a alma, não é?”, no qual a autora expõe os conflitos de uma mulher casada. As autoras apontam que a relação entre assunto com o primeiro capítulo da obra “O segundo sexo: a experiência vivida”, de Simone de Beauvoir intitulado “A mulher casada”.

Reforçamos o convite para que acessem os textos publicados no presente número e ensejamos a todos e todas uma boa leitura!

Equipe editorial Primordium